

Tratamento dos gêneros textuais em um livro didático de alfabetização

Lívia Fagundes Neves

RESUMO: O presente artigo analisa um livro didático de alfabetização, objetivando compreender sua proposta de trabalho com os gêneros textuais. A partir da perspectiva bakhtiniana sociointeracionista, são discutidos os conceitos de gênero textual e letramento, assim como o trabalho com os gêneros nas salas de aula de alfabetização. Observa-se que, apesar de o material apresentar amostras de vários gêneros textuais, os autores preocupam-se em classificá-los, deixando em segundo plano seu uso social.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático; Gênero textual; Letramento.

ABSTRACT: The present article analyzes a didactic book for reading and writing classes, in order to understand its proposal concerning the text genres. The concepts of genre and literacy are discussed from the bakhtinian and sociointeracionist perspective, as well as the work with the genres in the reading and writing classrooms. It was observed that, although the material analyzed presents samples of many text genres, the main concern of the authors is to classify them, putting aside its use in society.

KEYWORDS: Text book; Text genres; Literacy

Introdução

Uma das preocupações atuais no Ensino de Língua Materna refere-se ao desenvolvimento das habilidades de uso da leitura e da escrita nas atividades sociais. Em outras palavras, a maioria dos educadores já se conscientizou da importância de letrar os alunos e reconhece que o letramento é viabilizado através do uso de diversos gêneros textuais na sala de aula.

O trabalho com os gêneros textuais permite que os alunos tenham contato com os diversos textos que circulam na sociedade e, dessa forma, dar-lhes a oportunidade de utilizar e vivenciar o conhecimento da escrita e, de fato, se apropriar da linguagem.

Nas classes de alfabetização compreende-se a importância do letramento aliado ao processo de aquisição do código escrito e, para tanto, empregam-se os gêneros textuais como ferramentas para a promoção dessa habilidade.

O programa do governo Plano Nacional do Livro Didático classifica os livros didáticos de alfabetização em três blocos, considerando a abordagem que fazem das dimensões da alfabetização e do letramento: num primeiro bloco estão resenhados os livros que privilegiam a aprendizagem do código e, portanto, a dimensão da alfabetização; num segundo bloco, os livros que abordam de forma equilibrada a alfabetização e o letramento; e num terceiro bloco os livros que privilegiam a dimensão do letramento em detrimento das questões relativas à apropriação do código.

O livro analisado neste espaço pertence ao segundo bloco: livros que abordam de forma equilibrada alfabetização e letramento, correlacionando as duas concepções e oferecendo atividades que contemplam esses dois âmbitos. É nosso objetivo, neste texto, verificar quais gêneros o compõem e se o tratamento dado aos textos dão conta de promover o letramento dos alunos.

Percebe-se que, para que um material didático de alfabetização possa atingir o objetivo de letrar e alfabetizar os alunos ao mesmo tempo, ele precisa aliar atividades que contemplem o código por meio de atividades estruturadas a partir da exposição dos alunos a gêneros textuais diversos. O enfoque para análise do livro escolhido será a proposta de trabalho com os gêneros textuais, visando compreender um pouco mais acerca do letramento realizado nas salas de alfabetização.

Para tanto, faz-se necessário, inicialmente, conceituar gêneros e compreender as perspectivas desse ensino nas aulas de Língua Portuguesa, em especial na fase de alfabetização. O arcabouço teórico dessa análise será dividido em duas sessões: “Conceito de gêneros textuais” e “Considerações acerca do trabalho com os gêneros textuais nas aulas de alfabetização”. Na terceira sessão, “Análise do livro didático”, serão avaliadas as propostas do livro “Alfabetização Linguística – 2º ano”¹, considerando-se as perspectivas do trabalho linguístico que aliam alfabetização e letramento.

1. Conceito de gênero textual

Esta sessão objetiva apresentar, de forma breve, o conceito de gênero textual de acordo com Bakhtin, Swales, Miller, Bazerman, Bronckart e Marcuschi. Tem-se aqui o intuito de embasar as análises futuras acerca da presença dos gêneros no livro didático escolhido.

Várias vertentes teóricas de Análise do Discurso e Linguística Aplicada elegeram, nas últimas décadas, os gêneros do Discurso como objeto a fim de contribuir, de alguma forma, para estudos de ensino de Língua. O Brasil, inclusive, atribui destaque a esse conceito, elegendo-o como centro do ensino, a partir do século XIX. Muitas dessas vertentes retomam as teorias Bakhtinianas, baseadas no princípio do dialogismo da linguagem, que considera que todo enunciado é proveniente de outro, sendo assim uma resposta inserida em uma esfera da

¹ CAMPEDELLI, Samira, Hoje é dia de português. São Paulo: Positivo, 2009. Vol. 2.

comunicação verbal. Essa característica do discurso confere à linguagem um caráter dialógico no sentido de que se constrói entre interlocutores e não individualmente.

Bakhtin (1992), na obra *Estética da Criação Verbal*, conceitua os gêneros textuais como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Esses tipos de enunciados são elaborados em diferentes esferas da atividade humana e são relacionados a usos variados da linguagem. Dessa forma, segundo o autor, existe uma infinidade de Gêneros, visto que há também uma inesgotável diversidade de atividades humanas, e assim para cada uma dessas esferas de atividades relaciona-se um conjunto de Gêneros, os quais podem se diferenciar ou ampliar de acordo com as necessidades de cada esfera.

As formas assumidas pelos gêneros são relativamente estáveis no sentido de que são “mais maleáveis, mais plásticas e mais livres do que as formas da língua” (Bakhtin, 1992, p.302), mas, por outro lado, podem ser padronizadas e particulares como ocorre, por exemplo, com gêneros fáticos, dos votos e felicitações.

Muitos outros teóricos se espelharam nas contribuições do círculo de Bakhtin. Swales (apud Meurer; Bonini ; Motta Roth, 2005), por exemplo, elaborou sua teoria acerca dos gêneros textuais a partir dessa influência teórica e de várias outras como a dos estudos das variedades funcionais do inglês, a dos estudos das quatro habilidades na aprendizagem, a abordagem de noções e funções, a análise do discurso, a etnografia, a teoria de ensino de produção de texto e a antropologia de Clifford Geertz. Todas essas tradições desses diferentes campos de estudo integraram-se constituindo, segundo o próprio autor, um trabalho original e de postura eclética em relação ao gênero.

Para definir gênero, Swales se apropriou ainda de quatro outras perspectivas teóricas: folclore, estudos literários, linguística e retórica e formulou sua teoria original de ensino sobre o gênero:

O gênero é uma classe de eventos comunicativos, sendo o evento uma situação em que a linguagem verbal tem um papel significativo e indispensável. O evento comunicativo é constituído do discurso, dos participantes, da função, do discurso e do ambiente onde o discurso é produzido e recebido. (Swales apud Meurer; Bonini ; Motta Roth, 2005)

O Gênero textual, para Swales, apresenta como característica a ideia de classe de eventos como apontado acima, e também o fato de que essas classes compartilham um propósito comunicativo, sendo que os gêneros realizam um objetivo ou um objeto. Além dessas duas características, o autor acrescenta ainda a prototipicidade, a razão subjacente ao gênero e a terminologia para o uso desse conceito. A prototipicidade diz respeito à possibilidade de uns gêneros serem mais típicos ou mais comuns que outros dentro de uma

categoria; a lógica subjacente significa que o gênero será reconhecido por uma determinada comunidade mediante a sua lógica própria a qual apresenta restrições quanto à forma e ao conteúdo, por exemplo; já a terminologia utilizada por uma comunidade refere-se justamente ao nome atribuído ao gênero, que pode se diferenciar dependendo do contexto.

Dialogando com os trabalhos de Swales, Miller e Bazerman (apud Meurer; Bonini ;Motta Roth, 2005) também apresentaram suas contribuições acerca dos gêneros, sendo esses três autores membros do grupo de estudos norte americanos que se interessa pela natureza social do discurso.

Miller (apud Meurer; Bonini ;Motta Roth, 2005) desenvolve a noção de gênero como ação social e apresenta ainda os conceitos chaves de *recorrência* e *ação retórica tipificada* para iluminar a noção de gêneros. Segundo a autora é por meio da ação que o conhecimento para reproduzir as estruturas é criado e dessa forma, o gênero estrutura a ação social, funcionando como um elo mediador entre o público e o individual.

Bazerman (apud Meurer; Bonini; Motta Roth, 2005) igualmente considera o gênero como uma ação social e acredita que sua existência se deve ao seu reconhecimento por parte dos usuários da língua.

A perspectiva interacionista sociodiscursiva (Bronckart, 2002), por sua vez, apesar de não considerar os gêneros como unidades privilegiadas de análises e nem como objetivo central de sua análise, já que as ações verbais e não verbais são o foco nesses estudos, tem buscado refletir acerca de questões relacionadas à educação, fato que repercutiu inclusive no Brasil. Dessa maneira, abordagens a respeito dos gêneros tomaram forma e sob essa ótica, não há como atribuir um conceito ao gênero sem se fazer alusão a Bronckart (apud Bonini, 2002), estudioso que afirma que os *gêneros de texto* são pré-construídos anteriores às nossas ações e ainda pré-requisitos para que elas ocorram. Nesse sentido, os gêneros seriam ainda de natureza sócio-histórica e explicariam as ações humanas.

A essa concepção pode-se acrescentar ainda a ideia de que as atividades sociais produzem formas comunicativas que se estabilizam e assim constituem os denominados gêneros de texto, os quais se apresentam próprios e típicos de cada esfera de atividade.

De uma forma mais geral, pode-se dizer que *gênero textual* é um termo utilizado para nomear os diferentes textos ou as diferentes manifestações orais e escritas que circulam na sociedade. Segundo Marcuschi:

A expressão gênero textual é utilizada de maneira vaga para referir aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (Marcuschi, 2002, p.22)

Os diferentes gêneros foram surgindo ao longo do tempo, constituídos a partir das diferentes atividades humanas. Os povos de cultura oral possuíam um número limitado de gêneros, já as culturas escritas apresentam um número bastante alto dessas manifestações. Com o passar do tempo e com o advento da tecnologia foram surgindo vários outros gêneros como o e-mail, por exemplo. Assim, existe uma infinidade de gêneros textuais, podendo-se citar: cartas, exposições orais, e-mails, receitas, entrevistas, poemas, dentre outros e eles vão surgindo de acordo com as necessidades da sociedade.

Os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista e a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão, por sua vez, propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. Daí surgem formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante. De acordo com Marcuschi:

Os gêneros são fenômenos históricos intrinsecamente associados à vida social e cultural dos indivíduos. São considerados, ainda, formas de ação social, através das quais o homem consegue se expressar e traduzir suas concepções sobre o mundo. Dessa forma, considera-se que toda situação comunicativa, seja ela do âmbito oral ou escrito é realizada através de gêneros. (Marcuschi, 2002, p.20.)

Segundo o autor, os gêneros são de difícil definição e são, portanto, caracterizados em relação à sua função comunicativa. Assim, se aspectos linguísticos estruturais são às vezes relegados a segundo plano quando se trata de definir um gênero, em muitos casos, são justamente as formas que o determinam; em outros casos ainda sua função é o parâmetro para distingui-lo de outro.

De toda forma, esse conceito tem sido bastante discutido nos meios acadêmicos e serve, inclusive, de base para referenciais teóricos educacionais. No Brasil, por exemplo, documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCNs) retomam de forma implícita o conceito de gênero textual ao fazerem alusão à necessidade de se trabalhar com diferentes tipos de texto para a realização do trabalho linguístico. Assim, reconhece-se a necessidade de se desestabilizar práticas didáticas antigas para atender uma nova demanda social de responsabilidade escolar. E é nesse contexto que compreender o conceito de gênero, bem como reconhecer suas possibilidades de uso em sala de aula, torna-se essencial para todos os educadores.

2. Considerações acerca do trabalho com os gêneros textuais nas salas de alfabetização

Muitos educadores apresentam dificuldades para utilizar os gêneros textuais como ferramentas de trabalho promotoras do letramento, principalmente professores alfabetizadores, os quais ainda têm o desafio de alfabetizar os educandos e necessitam utilizar os gêneros paralelamente ao trabalho de aquisição do código escrito.

O uso dos gêneros textuais se tornou a base e o eixo norteador do ensino, mas questionamentos quanto a sua metodologia e didatização circundam as discussões educacionais, a começar pela sua escolha. Saber qual gênero textual melhor se adapta a um universo e de que forma trabalhá-lo é, para muitos, uma grande dúvida.

Outro questionamento que se destaca no trabalho com gêneros é relativo à sua classificação. A classificação do gênero é encarada, muitas vezes, como um “problema”, uma vez que o foco do ensino desviou-se para a sua caracterização a partir de sua forma e não para sua real utilização na vida social. De acordo com Coscarelli:

Não podemos entender que agora vamos ensinar nossos alunos a ler e produzir diferentes gêneros textuais fora de qualquer situação comunicativa. Gênero não deve ser matéria a ser dada ou conteúdo a ser cumprido. Nossos alunos não precisam ficar classificando textos em gêneros nem saber de cor as características de todos os gêneros textuais – isso nem seria possível, dada a quantidade imensa de gêneros textuais e a grande variação que há em cada gênero. (Coscarelli 2007, p.5).

No trabalho com os gêneros, deve-se considerar que esse ensino não pode ser encarado de uma maneira superficial, na qual os textos seriam percebidos como reprodutores de uma estrutura fixada previamente, pois há, antes sim, uma flexibilidade dessas estruturas.

Outra questão importante referente a esse trabalho diz respeito à importância do contexto. Na concepção atual de Ensino da Língua tornou-se importante trabalhar com o contexto e formar o indivíduo como um falante ativo de sua língua, fazendo com que ele consiga utilizar os recursos linguísticos disponíveis. Ao se trabalhar a partir dos gêneros, é permitido o contato do aluno com as produções da sociedade, as quais são importantes para que ele reconheça e interprete o mundo à sua volta.

A esse respeito, Coscarelli acrescenta que:

A idéia de trabalhar em sala com gêneros textuais tem muito a contribuir para o desafio do professor de fazer com que seus alunos sejam leitores fluentes e escritores de bons textos. Mas para que funcione como parte de uma proposta didática, a noção de gênero textual não pode despir do contexto comunicativo que a reveste. É preciso que o gênero traga consigo as condições de produção e recepção dos textos. (Coscarelli, 2007, p.6)

Em outras palavras, isso quer dizer que quando há um sentido e uma finalidade no ato de escrita e leitura, a aprendizagem adquire forma e importância sendo muito mais significativa. Uma carta, por exemplo, quando produzida com o intuito de informar, convidar

ou saudar um indivíduo real, em uma situação real e não apenas fictícia, exprime um significado comunicativo utilitário para o usuário da língua.

Apesar das dúvidas quanto ao direcionamento a seguir nesse novo trabalho com a Língua, pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no cotidiano. Nada do que fazemos linguisticamente está fora de ser feito em algum gênero.

Esse trabalho não é apenas uma maneira de dar conta das novas expectativas quanto ao aprendizado da língua, descritas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas também é uma grande oportunidade de se promover o letramento, uma vez que insere ativamente o indivíduo no mundo da leitura e da escrita, através do contato com as produções sociais necessárias de se apropriar.

3. Análise do livro didático

O objetivo dessa sessão é analisar a proposta de um livro didático de alfabetização, compreendendo como esse material apresenta atividades em torno de gêneros textuais e contempla assim o âmbito do letramento.

O livro “Letramento e Alfabetização Linguística”, destinado a 2º ano do Ensino Fundamental, é de autoria de Samira Campedelli. O volume analisado corresponde à edição para o professor. Estruturalmente, o material está dividido em cinco unidades temáticas intituladas: “Comunicação”, “Nomes”, “Palavras, sílabas e Letras”, “Outras brincadeiras e brinquedos e Lendas do Brasil”. “Essas unidades estão subdivididas em capítulos, as quais ainda se apresentam em sessões: “Lendo o texto”, “Compreendendo a sua escrita”, “Compreendendo o texto” e “produzindo o texto”

A sessão “Lendo o texto” compreende uma variedade de textos verbais e não verbais em que se pretende proporcionar o desenvolvimento da leitura. “Compreendendo o texto” apresenta reflexões acerca do texto lido, sendo que, nas palavras da autora (Campedelli 2009), “As atividades desta sessão exploram a modalidade textual, apontando aspectos importantes para a construção do sentido do texto.” “Compreendendo a sua escrita” é uma sessão destinada ao entendimento do funcionamento da língua em relação a aspectos gramaticais, e por fim “Produzindo o texto” oportuniza aos alunos o desenvolvimento da escrita; segundo Campedelli (2009) “É o momento de se comunicar por meio de uma produção textual, em dupla, em grupo ou individualmente, em torno do tema trabalhado no capítulo.”

Esse livro didático, segundo sua própria apresentação no exemplar do professor e pelo que podemos constatar, apresenta uma variedade de Gêneros textuais em todas as unidades. Na Unidade I, cujo tema é Comunicação, observa-se os seguintes gêneros textuais: História em quadrinho (p.10, 13), Biografia (p.12), Texto informativo (p.23), verbete de enciclopédia (p.29), poema (p.32) e Verbetes de dicionário (p.35).

Na segunda Unidade “Nomes” encontram-se os gêneros: Poema (p.45, 51, 67), Texto informativo (p.57), Certidão de Nascimento (p.), Carteira de Identidade (p.) e fábula (p.70).

Na Unidade Três e quadro percebe-se a utilização dos seguintes gêneros: Poema (p.76), Regra de jogo (p.86, p.124), Parlendas (p.88, p.117), adivinhas (p.95), trava-línguas (p.108) e texto instrucional (p.134)

Na última unidade podem-se listar: Lendas (p.138, 148, 159), texto informativo (p.144), Receita Culinária (p.152), Texto narrativo (p. p.164) e carta (p.168).

A autora, ao apresentar o material, revela que diferentes pressupostos teóricos serviram de base para a elaboração das atividades, dentro desses pressupostos pode-se destacar a abordagem sociointeracionista de aprendizagem. Apropriando-se dessa teoria, ela acredita que o conhecimento se constrói primeiramente pela interação interpessoal e que o ambiente cultural é fundamental para que o indivíduo se constitua como pessoa. Nesse contexto, o uso da linguagem é compreendido, por ela, como uma forma de interação na sociedade e ao utilizá-la “o aluno amplia seu conhecimento de si e do outro, em um processo dialógico e passa a utilizar diferentes linguagens como meio de comunicação, ou processo de construção de significados, tornando-se receptor e produtor de diversos textos.” (Campedelli, 2009, p.9). Dessa forma, ela ainda acrescenta que: “deve-se focar o texto como centro de todo processo de ensino-aprendizagem” (Campedelli, 2009, p.9).

Para sustentar seu trabalho a partir de gêneros textuais, a autora mantém a já clássica definição de Bakhtin: “enunciados relativamente estáveis utilizados em diferentes situações de comunicação”. (Bakhtin apud Campedelli, 2009, p.9). É importante destacar ainda que, nas orientações ao professor presentes no volume, Campedelli enfatiza que: “é fundamental, pois, apresentar ao aluno diferentes gêneros discursivos promovendo a interação com diversidade, evidenciando, assim, as várias funções da escrita”. (idem: *ibidem*).

Assim, as concepções teóricas da autora desse livro didático corroboram com as crenças também desenvolvidas neste trabalho no que diz respeito ao conceito de gênero e à importância da utilização dessa ferramenta no ensino de língua e no período da alfabetização. Cabe agora, no entanto, observar se a diversidade de gêneros apresentados no livro propõe um

trabalho linguístico de qualidade, cumprindo o objetivo de dar ao professor condições de inserir o aluno na sociedade letrada empregando o livro didático.

Observando as propostas de atividades baseadas nos gêneros presentes nesse livro, pode-se verificar que a maior parte demonstra uma grande preocupação em classificá-lo, como no exemplo a seguir.

A atividade, proposta a partir do poema “Bicho alfabeto”, é a seguinte:

Exemplo 1.

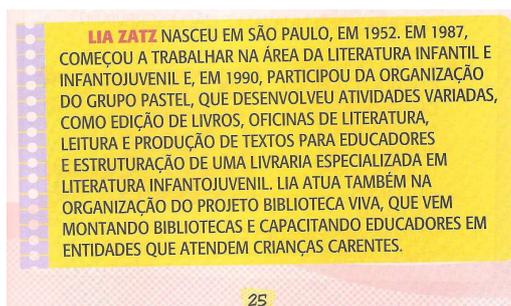
- 1** ASSINALE AS ALTERNATIVAS QUE ESTÃO DE ACORDO COM O TEXTO:
- a.** O TEXTO LIDO É:
 UM VERBETE DE ENCICLOPÉDIA.
 UM POEMA.
- b.** “O BICHO ALFABETO” ESTÁ DIVIDIDO EM:
 3 ESTROFES.
 4 ESTROFES.

CAMPEDELLI, 2009, p. 32

Como observado acima, parece que a maior parte das atividades tem o objetivo de levar o aluno a compreender a forma estrutural do gênero e a nomeá-lo. Ao longo do livro encontra-se ainda a mesma proposta de marcar a alternativa correta ou ainda perguntas do tipo “Você sabe que texto é esse?” (Campeдели, 2009, p.53). A respeito da forma ainda se pode dizer que várias atividades contemplam uma comparação entre gêneros e retomam a classificação, realizando uma espécie de revisão ou fixação.

Em menor quantidade, encontram-se propostas de utilização do gênero apenas para desenvolvimento da leitura, escrita e interpretação ou como fonte de informação. Percebe-se que a autora buscou desenvolver nos alunos, paralelamente ao conhecimento da caracterização dos gêneros, essas capacidades, a partir da inserção de alguns textos e de diversas biografias dos autores desses textos, como exemplificado abaixo:

Exemplo 2.



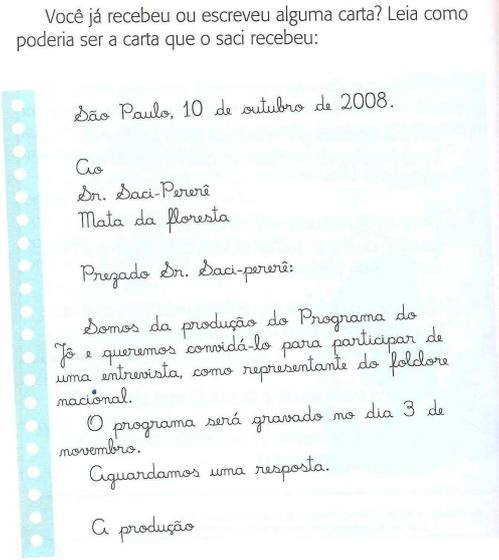
CAMPEDELLI, 2009, p.25.

A biografia de Lia Zats, exposta acima, é um exemplo do uso do gênero apenas para prática de leitura e como fonte de informação, já que não houve nenhuma orientação para trabalhar ou discutir esse texto. Exemplos como esse foram pouco recorrentes, mas presentes e com o objetivo apenas de desenvolvimento de habilidades, sem levar em conta nenhum aspecto estrutural, usual ou formal do gênero. A esse respeito, a autora, nas considerações de seu livro, esclarece que “O trabalho com os diversos gêneros textuais objetiva o desenvolvimento de competências de leitura e produção de textos orais e escritos, viabilizando o acesso do aluno aos gêneros que circulam socialmente.” (Campeдели, 2009).

Quanto às propostas de produção de texto, pode-se notar que essas, por sua vez, não consideravam importantes contemplar o fato de que a produção poderia ser um ato real, com uma funcionalidade, um propósito realmente existente e um leitor não fictício. Na página 168, por exemplo, pede-se ao aluno que escreva uma resposta a carta para o Saci-Pererê:

Exemplo 3.

Você já recebeu ou escreveu alguma carta? Leia como poderia ser a carta que o saci recebeu:



Que tal escrever a resposta do Saci-Pererê à produção do Programa do Jô?

a) Comece colocando o local e a data. Ele mora em Mata da Floresta.

Embora, nesse caso, o aluno tenha a oportunidade de desenvolver a escrita e experienciar a elaboração do gênero a partir de um tema abordado em toda a unidade, nota-se que o aluno não terá, ao escrever, um leitor real e nem mesmo será um escritor real, no

sentido em que representará o personagem folclórico – o Saci-Pererê. A maioria das propostas de produção de texto, assim, não oferece ao escritor a experiência de escrever com um propósito comunicativo.

Tal fato é considerado, muitas vezes, problemático, uma vez que para o aluno a falta de uma finalidade real para a escrita a torna desprestigiada e sem propósito. Assim

Uma vez que os alunos se sintam parte da vida de um gênero, qualquer que atraia sua atenção, o trabalho duro e detalhista de escrever se torna irresistivelmente real, pois o trabalho traz uma recompensa real quando engajado em atividades que os alunos consideram importantes. (Bazerman apud Hoffnagel, 2006, p.33)

Uma notória preocupação da autora, que também poderia ser destacada nessa análise, é o entendimento da função e utilização do gênero na sociedade, como demonstrado no exemplo:

Exemplo 4.

Compreendendo o texto

- 1 Qual é a finalidade das receitas?
- 2 Por que é importante lavar bem as mãos e lavar os ingredientes antes de começar o preparo de uma receita?
- 3 Por que é importante preparar essa receita na presença de um adulto?
- 4 O que são os utensílios?
- 5 O que se entende por ingredientes?
- 6 Em sua opinião, todos os ingredientes da lista são necessários para a salada de frutas?
- 7 Numere os quadrinhos na ordem das etapas do modo de preparo:

CAMPEDELLI, 2009, p. 153 e 154.

A atividade acima é desenvolvida a partir da apresentação de uma receita de salada de frutas e a preocupação com a finalidade do gênero fica ainda mais evidente quando se coteja o material do aluno com as sugestões ao professor, nas quais se solicita que a receita seja preparada pelos alunos em sala de aula. Dessa forma, ao realizar na prática a receita de salada de frutas, será possível ao educando perceber de fato a funcionalidade desse texto socialmente.

No entanto atividades como a exemplificada acima são minoria, pois a maior parte delas trabalha o gênero sem sugerir ao professor que vivencie a prática com seus alunos, como no exemplo a seguir:

Exemplo 5.

Lendo o texto

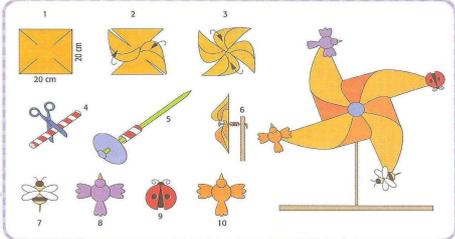
Confecionando um cata-vento para brincar

Você vai precisar de:

- Papel espelho ou laminado
- Palitinho de churrasco
- 1 alfinete
- 1 canudinho
- 1 rodela de cartolina para prender as pás

Atenção!
Para confeccionar o seu cata-vento, peça auxílio de um adulto.

Modo de fazer:
Siga passo a passo as ilustrações. Se quiser enfeitar o seu cata-vento, copie os desenhos dos bichinhos. Depois, pinte, recorte e cole nas pontas do cata-vento.



Compreendendo o texto

- 1 Esse texto é diferente dos outros lidos neste capítulo. O que podemos afirmar sobre esse texto?
- 2 Troque ideias com seus colegas: como são chamados os textos, que ensinam a fazer alguma coisa?
- 3 O texto apresenta duas partes. Quais são?
- 4 Esse cata-vento pode ser considerado igual e com as mesmas funções dos existentes em sítios e fazendas? Por quê?
- 5 Troque ideias com seus colegas:
 - a. Você já viu um cata-vento em um sítio ou em uma fazenda? Em caso de resposta positiva, onde foi?
 - b. Por que um cata-vento pode ser tão útil num sítio ou numa fazenda?
 - c. Em sua opinião, em que regiões do Brasil os cata-ventos podem ser ainda mais úteis?
- 6 Para fazer um cata-vento de brinquedo, quais materiais são necessários?
- 7 O papel serve para fazer as pás. E os outros materiais, servem para quê?

CAMPEDELLI, 2009, p. 134 e 135.

Não há, na maioria das propostas, possibilidade de vivência e utilização prática do gênero. Acima, ao se trabalhar o texto instrucional, seria interessante que houvesse a sugestão de confeccionar o cata-vento na classe para que, dessa maneira, a instrução tivesse um sentido real a ser vivenciado.

A respeito do gênero poema, pode-se perceber sua presença em quase todas as unidades do livro, mas, às vezes, a exploração do gênero se dá depois do uso de vocabulário que obriga o aluno a conhecer aspectos formais. A palavra “estrofe”, por exemplo, é empregada sem que seja explicitado anteriormente esse conceito para os alunos.

Outros gêneros também, como o caso do texto instrucional apresentado acima (exemplo 5), requerem conhecimentos prévios dos alunos quanto a sua forma. Na segunda questão dessa atividade a resposta requerida é “texto instrucional”, termo que é empregado em atividades anteriores (p. 87), sem qualquer esclarecimento acerca de seu significado. Dessa forma, é necessário que o professor acrescente esclarecimentos acerca do gênero para dar conta de realizar a atividade. É notória, portanto, a preocupação com a nomenclatura dos gêneros textuais apresentados, porém, como o conteúdo do material é apresentado somente em forma de exercícios, não há espaço no livro para explicação sobre os gêneros, e, portanto, essa tarefa fica a cargo do professor.

Outro fator que ainda pode ser destacado refere-se à ordenação dos gêneros no material. Há uma associação entre temas, através de textos que têm em comum somente algum elemento. Por exemplo, o texto “A lenda do guaraná” (p.148-150) apresenta como atividade

seguinte a realização de uma salada de frutas temperada com guaraná (p. 151); há, assim, uma associação entre os gêneros apenas devido ao refrigerante “guaraná” e eles estão dispostos de modo não concatenado. Tal fato contribui para que o aluno não compreenda a função social dos gêneros.

A análise do livro revelou, em suma, que: a autora tem a consciência da importância e necessidade de utilização dos gêneros para promoção do letramento já que a análise mostrou que há uma grande diversidade de gêneros presentes no livro; entretanto, a proposta de trabalho a partir de gêneros textuais, nesse material, apresenta uma grande preocupação classificatória e estrutural e são raras as orientações para que os alunos vivenciem a funcionalidade do gênero.

Considerações finais

Observou-se que as atividades do livro em questão embasadas em gêneros contemplavam sugestões que poderiam ser significativas e usuais, mas que, muitas vezes, não eram incorporadas efetivamente para a vivência e prática dos alunos.

Poucas atividades abordam nas sugestões para o professor que se colocasse em prática e se vivencie a utilidade desse gênero, como é o caso da atividade envolvendo “receitas”, exposta acima.

De qualquer forma, o que se deve ter em mente é que o livro didático é apenas um suporte para professor. Assim, o educador, o qual é um mediador do conhecimento, deve organizar seu trabalho selecionando e adequando atividades de acordo com as necessidades dos alunos e com o contexto no qual está inserido. Uma vez que cada comunidade elege como significativo determinados gêneros textuais em detrimento de outros, e assim o significado e o êxito do trabalho linguístico dependerão dos usos que cada falante atribui aos textos.

Portanto, quais gêneros funcionam em uma dada sala de aula vai depender de uma negociação entre as instituições, o professor e os alunos. Essa negociação determina aonde a jornada da aula pode ir com mais sucesso, de forma a atingir e suprir as necessidades de cada parte. (Bazerman apud Hoffnagel, 2006, p.33).

Uma comunidade que, por exemplo, não tem costume de realizar brincadeiras, como na modalidade de jovens e adultos, não consideraria a atividade proposta de confeccionar um cata-vento como um recurso de aprendizagem significativa e usual. Assim, é essencial que o professor não se atenha as propostas e atividades do livro, sempre tendo em vista seu público e as necessidades de cada universo.

Portanto, o livro “Letramento e Alfabetização Linguística” é um exemplo para reflexão acerca do tratamento que os gêneros textuais vêm recebendo nos meios acadêmicos atuais. Além de promover a alfabetização através de atividades apropriadas a aprendizagem do código, contempla o letramento por disponibilizar uma riqueza de gêneros, cabendo, porém, aos professores ajustar sempre as atividades às suas necessidades.

A partir da reflexão acerca do trabalho com esse material didático, sugere-se repensar a prática docente sob o ponto de vista do uso dos materiais didáticos para atingir propósitos comunicativos específicos. É preciso compreender que o livro didático é puramente uma ferramenta, não podendo ser considerado o único sistema de informação disponível para alunos e professores. É do professor a responsabilidade pelo uso do material, adequando-o à necessidades dos alunos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1952/1992.

BONINI, A. Gêneros textuais e cognição. Florianópolis: Editora Insular, 2002.

CAMPEDELLI, Samira. Letramento e alfabetização lingüística 2º ano. Hoje é dia de Português. Curitiba: Positivo. 2009.

COSCARELLI, Carla. A produção de gêneros textuais. [S.I] . Disponível em: http://www.fae.ufmg.br/ceale/menu_abas/noticias/matérias/2007/abril_2007/gêneros_artigo_carla_coscarelli.pdf. Acesso em: 10 de jan.2011.

GOVERNO FERDERAL. Parâmetros Curriculares Nacionais. <www.mec.gov.com.br> Acesso em: 10 jan. 2011.

HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A. P. (orgs.). Gênero, agência e escrita / Charles Bazerman. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. 2002. Disponível em <http://www.proead.unit.br/professor/linguaportuguesa/arquivos/textos/Generos_textuias_def_inicoes_funcionalidade.rtf> Acesso: 12 jan. 2011.

MEURER, J. L. ; BONINI, A. ; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ensfund/alf_mortathistesctalfbr.pdf> Acesso em 10 de jan. de 2011.

SCHNEUWLY, B. et al. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 41-70.

SIGNORINI, I. (org.) [Re]discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola, 2008.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. A reinvenção da alfabetização. In Presença Pedagógica, v.9, n. 52. jul/ago.2003. p.16 – 21.

Enviado para análise em maio de 2011.

Aceito para publicação em novembro de 2011.